

MISSÃO, UMA QUESTÃO DE AMOR

Padre David Glenday, MCCJ

O padre David Glenday, missionário comboniano, serviu como Superior Geral de sua congregação de 1991 a 1997. Passou 11 anos nas Filipinas e outros em Uganda. Ele atuou como Secretário Geral da União dos Superiores Gerais (USG).

Esta reflexão foi publicada com a autorização do padre David. Foi parcialmente publicada em italiano na revista "SettimanaNews".

** Os números entre parênteses referem-se às seções relevantes de Dilexi Te.*



1. Missão, uma questão de amor

Uma boa pergunta

Durante minha vida como missionário comboniano, tive a sorte de passar onze anos servindo nas Filipinas. Lembro-me de um dia em que um jovem leigo dedicado me fez esta pergunta: "Padre David, vocês combonianos costumam falar com entusiasmo sobre sua vocação e seu fundador, São Daniel Comboni. Vocês compartilham sobre seus sonhos, sua motivação, suas jornadas, suas esperanças e decepções, sua herança e memória – e tudo isso é muito bonito e inspirador. Mas agora o que eu gostaria de saber é o seguinte: qual é o coração, o centro, o motor da missão de São Daniel e da sua missão hoje?"

Uma pergunta muito boa, de fato, e uma que, durante meus quase cinquenta anos como missionário, muitas vezes tentei responder, buscando as palavras certas e, ainda mais, as ações certas. Se meu jovem amigo me fizesse a mesma pergunta hoje, eu não hesitaria em pedir a ajuda não de um, mas de dois Papas: Francisco e Leão XIV. De fato, é realmente impressionante que a última grande carta do Papa Francisco, intitulada *Dilexit Nos*, tenha sido sobre o amor – “o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo” – e a primeira carta do Papa Leão XIV a toda a Igreja, *Dilexi Te*, seja sobre... amor – “amor pelos pobres”. Fica claro, então: como diz o Papa Francisco, “a missão torna-se uma questão de amor”, e os missionários são pessoas que estão “apaixonadas e que, cativadas por Cristo, sentem-se obrigadas a compartilhar esse amor que transformou suas vidas”.

A missão como amor: sim, esta é a estupenda e esplêndida realidade que forma uma ponte entre as duas cartas dos Papas e que também nos dá a chave para começar a ler, rezar e viver *Dilexi Te* – como esperamos fazer ao longo do próximo ano. E queremos fazer isso não tanto para coletar algumas ideias interessantes, mas sim para crescer como missionários, cada um de nós em suas próprias circunstâncias especiais.

Então, que descobertas profundas sobre a missão podemos esperar fazer nesta jornada, com a carta do Papa Leão XIV como nosso roteiro

Nosso Deus é um Deus Missionário

A missão é uma questão de amor, e no fim das contas, isso acontece porque a missão nasce de Deus, a Trindade do amor. Tudo o que Jesus diz e faz nos Evangelhos, pelo poder do Espírito, deixa isso claro: nosso Deus não é distante, indiferente, alheio, desinteressado. Não, nosso Deus está em movimento, é sociável, comprometido, interessado, próximo, apaixonado.

E somos batizados em nome deste Deus missionário. Pelo nosso batismo, os Três passam a habitar nossos corações mais profundos e começam a nos formar missionários – como eles!

Este tema, esta realidade da Trindade missionária, esteve muito presente no ensinamento e no testemunho do Papa Francisco (pense, por exemplo, em sua primeira carta, *Evangelii Gaudium*) e foi retomado com energia pelo Papa Leão XIV. Ambos exortam a Igreja a estar onde os Três já estão: nas margens, nas periferias, com aqueles que são considerados distantes. Na *Dilexit Nos*, o Papa Francisco insiste que nossos corações devem ser transformados no Coração de Jesus, um coração que se volta para os feridos e fracos, e o Papa Leão XIV aprofunda e consolida esse chamado missionário.

Portanto, a missão é uma questão de amor, porque Deus é amor, e o amor de Deus é um amor missionário, um amor que se entrega.

Encontrar Deus em missão

Assim, a Trindade do Amor nos impulsiona à missão – mas também nos espera lá. Durante meus anos nas Filipinas – onde ministrei em um pequeno canto da megacidade

de Manila – tive a graça de aprender o idioma nacional, o tagalo, e de, assim, poder acompanhar especialmente uma pequena comunidade nas favelas da cidade.

Com eles, fiz a comovente descoberta que é o tesouro da vida de tantos missionários: que o Deus que é amor nos precede em nossa jornada missionária, e que chegamos a conhecer esse Deus de novo nas vidas e, principalmente, nos corações dos pobres para os quais somos enviados. No exemplo de suas vidas, a missão se torna uma questão de aprender a amar, onde o amor tem a face da solidariedade, da gratidão, da coragem, da alegria, da perseverança, do bom senso, da tolerância.

Em missão com e para os pobres, nós, missionários, aprendemos a amar.



Trabalhar com Deus em Missão

Porque a missão é uma questão de amor, é também uma questão de obras, de trabalho, de ação. Como Jesus diz em João 5, 17, “meu Pai trabalha até hoje, e eu trabalho”, e ele completa isso em João 15, oferecendo-nos o rico retrato do Pai como o lavrador. O Pai se alegra com os nossos frutos abundantes, diz-nos Jesus, e São João sublinha a mesma visão quando nos encoraja a amar na prática e não na teoria.

Por causa do amor, somos colaboradores de Deus, como insiste São Paulo, e isso é ao mesmo tempo uma alegria e um desafio. É uma grande alegria saber que o Senhor quer que nos unamos a ele no amor aos pobres, que ele deseja a nossa companhia e

solidariedade: é uma nova maneira de apreciar a nossa grande dignidade e potencial na graça do batismo. E é também um desafio, porque significa que precisamos primeiro discernir como Deus está amando os pobres aqui e agora, para que possamos responder a esta iniciativa divina. Deus ama os pobres em primeiro lugar.

Transformado pelo amor

Quando compreendemos e vivemos a missão como amor nessas diferentes formas, algo maravilhoso e poderoso acontece: somos transformados. Passamos a perceber, pouco a pouco, que o que realmente importa em nosso serviço aos pobres é, acima de tudo, quem somos, e descobrimos que nos tornamos um sinal, um sacramento da presença amorosa de Deus.

Sim, somos transformados, mas também, pela graça de Deus, aqueles a quem somos enviados, à medida que são conduzidos a uma nova consciência de seu valor e dignidade infinitos, e de seu potencial como seres humanos, filhos e filhas do Pai que os ama de uma maneira muito especial.

Ao aguardarmos com expectativa a oração e o estudo de *Dilexi Te*, fazemos bem em refletir sobre as palavras finais do Papa Leão XIV:

O amor cristão derruba todas as barreiras, aproxima os distantes, une estranhos e reconcilia inimigos. Transpõe abismos humanamente intransponíveis e penetra nos recônditos mais ocultos da sociedade. Por sua própria natureza, o amor cristão é profético: opera milagres e não conhece limites. Torna possível o aparentemente impossível. O amor é, acima de tudo, uma forma de ver a vida e uma forma de vivê-la. Uma Igreja que não impõe limites ao amor, que não conhece inimigos a combater, mas apenas homens e mulheres a amar, é a Igreja de que o mundo precisa hoje.

2. Encontrar Deus

A cruz da Sra. Kikilai: tocando a carne sofredora de Jesus (49)

Durante a fase da minha formação missionária conhecida como noviciado, eu estava ansioso para descobrir como era ganhar a vida com trabalho braçal, e meus superiores incentivaram a mim e aos meus companheiros nisso. Foi assim que me vi trabalhando como operário em uma obra na região central da Inglaterra. Claro, meu companheiro e eu precisávamos encontrar um lugar para ficar, e tivemos a sorte de alugar um quarto com uma senhora húngara que atendia pelo nome memorável de Sra. Kikilai. Ela foi uma das centenas de milhares de húngaros forçados a fugir de seu país quando os tanques soviéticos invadiram a nação e impuseram um regime opressor em meados da década de 1950.

A Sra. Kikilai era uma cozinheira esplêndida e generosa – nossos jantares preparados por ela eram sempre um ponto alto do nosso dia – mas, fora isso, ela era muito

quieta e discreta. Quando chegou o dia de retornarmos ao noviciado, porém, ela me surpreendeu com uma bela surpresa, entregando-me discretamente um pequeno crucifixo de bronze, trazido sem dúvida de sua casa na Hungria: seus traços haviam sido desgastados por sabe-se lá quantas gerações, podemos supor, de sua família e amigos.



Este pequeno crucifixo, que ainda guardo e que me acompanhou em minhas missões em Uganda e nas Filipinas, fala de tantos homens, mulheres e crianças que estenderam a mão para tocar a carne de Jesus Crucificado, esperança e consolo dos pobres ao longo dos anos. "Tocar a carne sofridora de Jesus": esta é uma imagem do amor da Igreja pelos pobres que reaparece várias vezes em *Dilexi Te*:

Para os cristãos, os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria "carne" de Cristo. Não basta professar a doutrina da Encarnação de Deus em termos gerais. Para entrarmos verdadeiramente neste grande mistério, precisamos entender claramente que o Senhor assumiu uma carne que tem fome e sede, e que experimenta enfermidade e prisão. Uma Igreja pobre para os pobres começa por se aproximar da carne de Cristo. Se nos aproximamos da carne de Cristo, começamos a entender algo, a entender o que é, de fato, esta pobreza, a pobreza do Senhor; e isso está longe de ser fácil (110).

Frango assado à noite: quando os pobres vivem o Evangelho (102)

No final de janeiro de 1986, Yoweri Museveni assumiu o poder em Uganda (África Oriental), onde eu servia como missionário na época, e inaugurou um período de renovado conflito civil e militar. Juntamente com cinco dos meus confrades, me vi envolvido nessa situação, tendo que, por segurança, abandonar nossa missão e buscar refúgio com pessoas amigas que viviam mais no interior da mata e mais longe da estrada principal.

Uma noite, conforme as coisas se tornavam mais perigosas, seguimos para as terras agrícolas menos habitadas e, por fim, decidimos parar para descansar com uma família de trabalhadores rurais que nos ofereceu essa hospitalidade. Na manhã seguinte, ao amanhecer, já tínhamos começado a nos mover, quando a dona da casa veio atrás de nós, chamando e entregando um pacote a um de nós.

O dia que se seguiu provou ser providencial e finalmente nos encontramos em segurança... e então nos lembramos de que estávamos com fome! O pacote da senhora foi aberto e nele estava um frango assado, que ela havia passado a noite preparando para nós:

Só a proximidade que nos torna amigos permite-nos apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, os seus desejos legítimos e a sua maneira de viver a fé... Dia após dia, os pobres tornam-se agentes de evangelização e de promoção humana integral: educam os seus filhos na fé, participam numa solidariedade constante entre familiares e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida à peregrinação da Igreja. À luz do Evangelho, reconhecemos a sua imensa dignidade e o seu valor sagrado aos olhos de Cristo, que foi pobre como eles e excluído entre eles (100).

“Meu melhor amigo”: um encontro entre iguais (79)

Eu acabara de celebrar uma “missa de rua” em uma das favelas mais carentes de Quezon City, nas Filipinas, e estava cercado, como de costume, por crianças animadas que queriam uma bênção individual, quando senti um toque insistente na minha barriga. Lá estava o pequeno “JP” (abreviação de João Paulo!), que há algum tempo declarava a todos que quisessem ouvir que era o melhor amigo do Padre David.

“Sim, JP, o que foi?”

“Padre David, masaya po kami dahil nandidito po kayo. Estamos felizes porque o senhor está aqui.”

Pensei comigo mesmo: JP, você pode ser pequeno, mas à sua maneira é um grande teólogo; você compreendeu o propósito da Igreja, o propósito da missão. A missão da Igreja é “estar aqui”, uma presença que traz alegria e cria comunidade. Você articulou para mim o sentido da minha vocação missionária: obrigado! Como diz o Papa Leão XIV,

Os mais pobres não são apenas objetos da nossa compaixão, mas mestres do Evangelho. Não se trata de “trazer” Deus até eles, mas de encontrá-lo entre eles.

Servir os pobres não é um gesto a ser feito “de cima”, mas um encontro entre iguais, onde Cristo é revelado e adorado (79).

3. Um caminho do coração

Cartum, Sudão, 10 de outubro de 1996: junto com milhares de cristãos sudaneses exultantes, tive a bênção de participar de uma grande, colorida e profundamente emocionante celebração da Eucaristia. Sob um céu azul brilhante, e com bastante calor e umidade, estávamos celebrando pela primeira vez, em seu dia de festa propriamente dito, a santidade do bispo missionário Daniel Comboni, pai da Igreja no Sudão, que havia sido beatificado em Roma pelo Papa São João Paulo II alguns meses antes. A atmosfera era, no mínimo, eletrizante.

Coube a mim, como então superior geral dos Missionários Combonianos, erguer e levar em procissão até o Arcebispo de Cartum, Gabriel Zubeir, a relíquia de Comboni. Enquanto fazia isso, pude ler as palavras pintadas com cores vivas no fundo do altar: “Bem-vindo de volta, Comboni, para onde está o seu coração”. Palavras comoventes e apropriadas, pois a vida de dedicação de Daniel Comboni à missão, e, portanto, à escolha dos pobres, foi de fato uma jornada longa e árdua, e este dia de celebração foi um retorno especial para este homem que tão heroicamente viajou a convite de seu Mestre.

Sim, como afirma o Papa Leão XIV na *Dilexi Te*, Deus escolhe os pobres, e as vidas de mulheres e homens como São Daniel Comboni ilustram como o nosso envolvimento na escolha de Deus nos envia também em nossa própria jornada e aventura pessoal, com as Três Pessoas da Trindade como nossos companheiros de peregrinação.

Quando o coração decide fazer o caminho

Mas onde começa essa caminhada de amor pelos pobres? Sobre isso, o Papa Leão XIV faz questão de não nos deixar dúvidas: três vezes em três páginas ele fala comoventemente do coração de Deus “cheio de amor” (16), “que tem um lugar especial... para aqueles que são discriminados e oprimidos” (16, 17). Pouco antes em sua carta, ele havia escrito: “Ao ouvirmos o clamor dos pobres, somos chamados a entrar no coração de Deus... Se permanecermos insensíveis a esse clamor... nos afastaremos do próprio coração de Deus” (8).

E esse movimento do próprio coração de Deus gera um caminho que é uma escolha: a “descida e vinda de Deus entre nós” (16) atrai a Trindade aos mais pobres e mais fracos, em uma decisão que ficou conhecida como a opção preferencial de Deus pelos pobres, seu cuidado especial por aqueles por quem ninguém se importa.

A consequência de tudo isso para aqueles que são filhos deste Deus viajante é evidente: “Deus nos pede, a nós, sua Igreja, que façamos uma escolha decisiva e radical em favor dos mais fracos” (16). De fato, o Papa Leão XIV expressa francamente um sentimento de surpresa: “Muitas vezes me pergunto, embora o ensinamento da Sagrada Escritura seja tão claro sobre os pobres, por que muitas pessoas pensam que podem ignorar os

pobres sem serem incomodadas” (23).

Jesus é Deus conosco, isso sabemos, mas talvez o que o Papa tenha dito nos convide a acrescentar uma ênfase importante: Jesus é a presença conosco do Deus que escolhe os pobres. E isso fica muito claro quando consideramos a pobreza de Jesus, “o Messias pobre”, como o Papa Leão XIV o chama.

Jesus vive na pobreza em muitos níveis: ele nasce em uma família de recursos muito modestos e aprende a ganhar a vida com o trabalho de suas mãos; ele experimenta várias formas de exclusão desde o primeiro dia de sua vida nesta terra; em seu ministério ativo, ele depende da hospitalidade e do apoio de seus amigos e seguidores; Ele sabe o que significa estar cansado, triste e ansioso; ele tem que conviver com a rejeição e a suspeita. Ele morre numa cruz fora dos muros da cidade, em meio ao escárnio e à zombaria daqueles que se reuniram para assistir ao espetáculo, abandonado por quase todos os seus discípulos.

No entanto, esta não é toda a história da caminhada de Jesus com os pobres; a questão é muito mais profunda. Respondendo com generosidade ilimitada ao convite de amor e misericórdia do Pai para com a humanidade desgarrada, Jesus se despoja de seu esplendor e glória celestial e assume a forma de um servo. O profundo significado de tudo isso é bem transmitido pelas próprias palavras de Jesus: “Digo-lhes a verdade: o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto o Pai faz, o Filho o faz igualmente” (Jo 5, 19). Jesus aprendeu a amar os pobres e a ser pobre com o Pai.



Caminhar com Jesus

Para aqueles de nós que queremos fazer esta caminhada com Jesus, qual será o nosso roteiro? O Papa Leão XIV tem algumas sugestões a oferecer: primeiro, diz ele, tomem em mãos as Escrituras, especialmente aquelas que registram a vida e a prática das primeiras comunidades cristãs; depois, prestem muita atenção em como esses irmãos e irmãs na fé se uniram a Jesus Ressuscitado em sua jornada até os mais pobres; acolham tudo isso “como um exemplo a imitar, mas também como um testemunho da fé que opera pela caridade e como uma inspiração duradoura” (34).

Neste ponto de sua reflexão, o Papa Leão XIV se lembra fortemente do Papa Francisco e do que ele escreveu em sua ainda muito significativa carta *Evangelii Gaudium*: a palavra de Deus é “tão clara e direta, tão simples e eloquente, que nenhuma interpretação eclesial tem o direito de relativizá-la... Por que complicar algo tão simples?” (31).

Foi esta Boa Nova simples, mas poderosa, que os cristãos do Sudão estavam celebrando naquela distante tarde de outubro, a Boa Nova feita carne na vida e na missão de um homem notável, seu pai na fé. Pela graça de Deus, ele escolheu os pobres e, assim, descobriu o caminho para a alegria duradoura: será que nós também faremos essa escolha e trilharemos esse caminho rumo à alegria?

4. Quando escuto, é então quando eu vejo

Palavras que fazem a diferença

Ainda tenho esta Bíblia comigo, cinquenta anos depois de a ter oferecido como presente aos meus pais no dia em que fui ordenado diácono. Naquele tempo, imaginei que, no máximo, ela receberia um lugar de honra na estante da família, mas o que de fato aconteceu foi muito melhor do que isso.

Nos meses e anos seguintes, ao visitar a casa da minha família, descobri que a Bíblia tinha encontrado o seu lugar junto à poltrona favorita do meu pai. Nunca o vi a lê-la, mas quando ele não estava por perto, fazia questão de a examinar e encontrei todos os sinais de que este livro era de fato lido regularmente, sem dúvida nas manhãs em que o meu pai se levantava cedo para tomar o seu mingau de aveia e café, e estava sozinho e sem ser observado.

O meu pai não era católico: era escocês e presbiteriano e, à época desta história, estava felizmente casado com a minha mãe, católica irlandesa, há mais de trinta anos. Então, numa tranquila noite de domingo, surpreendeu-nos a todos ao declarar simplesmente: “Decidi tornar-me católico”. E assim, um mês antes de partir para minha primeira missão em Uganda, tive a alegria de concelebrar a missa da Primeira Comunhão do meu pai, de 71 anos.

Não tenho dúvidas de que a graça daquelas manhãs tranquilas, a sós com a Palavra de Deus, foi uma chave importante para o passo inesperado e corajoso do meu pai, abrindo nossa família para uma nova comunhão profunda e uma alegria cheia de gratidão.

Aquela Bíblia, aquelas palavras, aquela Palavra, fizeram a diferença. Escutar levou a ver, ou como Jesus disse: “Como eu ouço, assim julgo” (João 5,30).

Você quer ver? Então escute!

“Algumas palavras essenciais”: o título que o Papa Leão XIV deu ao primeiro capítulo de sua *“Dilexi Te”* aponta-nos firmemente nessa mesma direção. Há uma insistência intransigente de que, se a Igreja, se nós, isto é, realmente queremos ver e, portanto, amar os pobres, isso começará com uma escuta atenta.

O Papa nos conduz de volta à sarça ardente, onde Deus diz a Moisés: “Tenho observado a miséria do meu povo... e tenho ouvido o seu clamor”, e Deus não deixa dúvidas a Moisés de que este é o caminho que ele também é chamado a trilhar, se quiser “entrar no coração de Deus” e, assim, cumprir a árdua missão que lhe foi confiada.

No final do capítulo, o Papa Leão XIV nos desafia no mesmo sentido, convidando a uma releitura do Evangelho, para que possamos nos reconectar com aquele amor pelos pobres que, segundo ele, é “o coração ardente” (15) da missão da Igreja. Ele sublinha o ponto recordando a experiência de São Francisco de Assis, convertido pelo contato direto com os pobres e marginalizados da sociedade (7).



Enxergando com novos olhos.

Como observamos ao iniciarmos esta simples reflexão, quando escutamos a Palavra, coisas novas podem acontecer. Recordando a homilia de São Paulo VI no final do Concílio Vaticano II, o Papa Leão XIV expressa esta convicção: que, ao escutar o clamor dos pobres e ao encontrar o Senhor neles, tanto a Igreja quanto a sociedade se abrirão a novas energias e possibilidades, a “uma renovação extraordinária” (7).

No entanto, o Papa deixa bem claro que esta não é uma fórmula fácil e indolor: ver desta nova maneira envolve uma profunda purificação, “uma mudança de mentalidade” (11) e, particularmente, a prontidão para ver como as coisas realmente são, e como elas realmente são para *cada um*.

As estatísticas certamente têm seu lugar, mas haverá momentos em que elas não farão justiça à vida cotidiana das pessoas reais – e é ao seu clamor que somos chamados a responder. Mais uma vez, ver a pobreza hoje significa reconhecer que “em geral, estamos testemunhando um aumento em diferentes tipos de pobreza, que não é mais uma realidade única e uniforme, mas agora envolve múltiplas formas de empobrecimento econômico e social, refletindo a disseminação da desigualdade mesmo em contextos amplamente abastados” (12). Nesse contexto, o Papa Leão XIV apela particularmente para uma nova sensibilidade e resposta à pobreza das mulheres, “já que elas frequentemente são menos capazes de defender seus direitos” (12).

Sim, escutar e ver exigem purificação e cura da “cegueira e crueldade” (14) que culpam os pobres por sua própria situação, inclusive por parte de alguns cristãos “que sucumbiram a atitudes moldadas por ideologias seculares ou abordagens políticas e econômicas que levam a generalizações grosseiras e conclusões equivocadas” (15).

Escutar o Senhor

Meu pai – escutando em silêncio, com humildade, até mesmo discretamente – descobriu Jesus de uma maneira nova e revigorante e deu um passo corajoso em frente. Destacando a mesma ligação dinâmica entre escutar e ver, o Papa Leão XIV está convencido de que, se hoje a Igreja realmente escutar os pobres, isso significará um novo encontro e uma nova descoberta de seu Senhor:

O amor pelo Senhor, então, é um só com o amor pelos pobres. O mesmo Jesus que nos diz: “Os pobres sempre tereis convosco” (Mt 26,11), também promete aos discípulos: “Estou convosco todos os dias” (Mt 28,20). Lembramos igualmente de sua afirmação: “Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Não se trata de mera bondade humana, mas de uma revelação: o contato com os humildes e desamparados é uma forma fundamental de encontrar o Senhor da história. Nos pobres, Ele continua a falar-nos (5).

Para rezar, refletir e partilhar:

Houve em minha vida “algumas palavras essenciais” que me inspiraram no meu amor pelos pobres?